REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

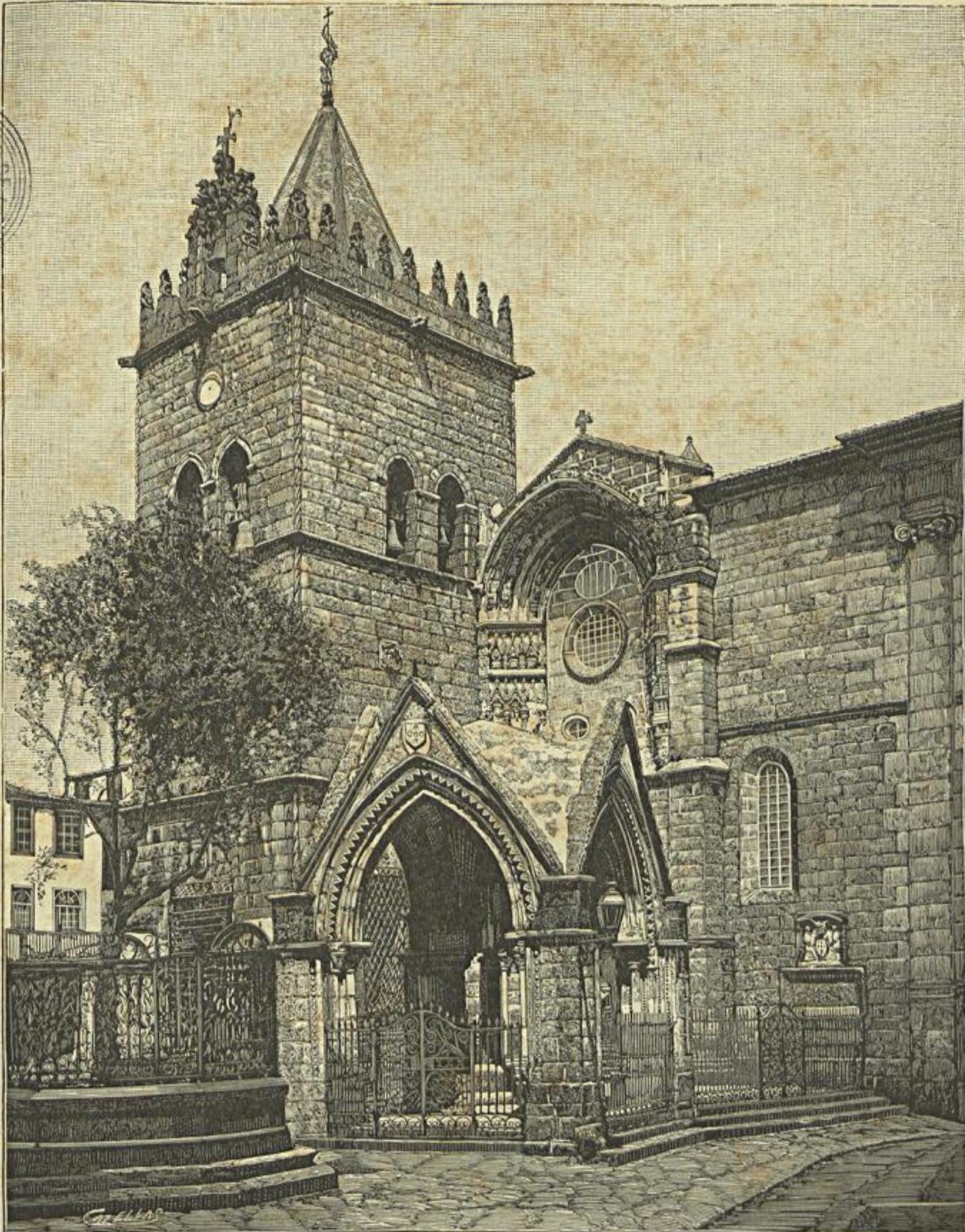
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 469

1 DE JANEIRO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA, EM GUIMARÃES

(Segundo uma photographia de Laurent)

CHRONICA OCCIDENTAL

A primeira chronica de 1892!

E com que prazer eu estou a escrevel-a!

Nunca a chronica do anno novo me achou tão bem disposto, me causou tanta alegria.

Pudera não!

Se eu durante muitos dias imaginei nunca mais escrever chronicas, nunca mais ver surgir um anno novo.

A primeira chronica de 1892 é tambem a minha primeira chronica depois de dois mezes de ausencia, de dois longos mezes em que estive vae não vae para emprehender a grande viagem d'onde nunca mais se volta!

Vae, não vae, e por fim de contas não fui! Não fui, graças a Deus, e graças á sciencia, á dedicação á amisade de dois medicos illustres, um que com o seu grande tacto viu bem a tempo o perigo que não podia conjurar, porque combatel-o não fazia parte da sua sciencia, outro que luctou com esse perigo energicamente, valorosamente e que o venceu com a sua grande sciencia cirurgica, com as suas raras aptidões de operador excepcional.

E foi assim que elles me arrancaram das portas da morte onde eu estava já quasi a entrar, foi assim que eu hoje estou aqui muito bem sentado á minha banca saudando alegremente o anno que começa com todas as alegrias do convalescente que se vê dia a dia restituido á saude, do resuscitado que se vê restituido á familia, aos amigos, ao mundo!

Entretanto, meus caros leitores, isto de conversar com convalescentes e sobretudo com convalescentes que tiveram quasi um pé na cova, isto de fallar com homens que vem quasi do outro mundo, tem os seus inconvenientes — as historias que elles trazem para impingir.

Eu não me quero fazer melhor do que os meus collegas resuscitados e tambem trago a minha historia, tenham paciencia.

Essa historia porém não é só o desabafo d'um massador é o pagamento d'uma divida sagrada que contrahi para com aquelles a quem devo o gosar hoje todas as grandes alegrias que constituem o lado bom da vida humana.

Portanto a historia que tenho para contar é ao mesmo tempo uma divida a pagar, e vou pagal-a.

Ahi vae a historia.

Vem já de longe, essa historia, do dia 28 d'outubro.

Foi n'esse dia que eu adoeci, e lembro-me d'elle perfeitamente porque era um dia de festa para as minhas pequenas, o dia da 50.ª recita do *Burro do sr. Alcaide*: a recita dos auctores.

Eu tinha-lhes promettido leval-as á festa da Avenida: a doença prohibiu-me de cumprir a minha promessa.

No dia immediato tinha á minha cabeceira o dr. Korth o illustre medico homœpatha.

O dr. Korth é para mim muito mais que um excellente medico, é um excellente amigo.

A nossa amisade data já de um par d'annos, da doença d'uma das minhas pequenas, a Mimi, que elle salvou da febre typhoide.

E não deixa de ser original, a maneira como eu conheci o illustre medico homœpatha ou antes, quem foi que me fez fazer esse conhecimento.

Devo o conhecer o dr. Korth a um medico allopatha. Não lhe escrevo aqui o nome para o poupar ás maldições dos intransigentes.

A Mimi estava muito doente com uma febre typhoide.

Tratava-a um medico allopatha meu amigo, um medico muito habil, muito intelligente; mas a doente era muito pequena ainda, tinha apenas tres annos e não havia maneira alguma de lhe fazer tomar os remedios.

A *bout de ressources* e vendo a doença a caminhar sempre, o medico veio ter comigo e com uma lealdade e isenção raras, disse-me que em face d'aquella resistencia invencivel a tomar os medicamentos receitados, elle era apenas um espectador inutil da doença, que de dia para dia augmentava de gravidade e que recorresse á homœpathia cujos medicamentos a doente tomaria com certeza.

E foi elle proprio que me fallou no Dr. Korth, que elle não conhecia pessoalmente, mas de cujo talento e de cujo caracter me fez o mais rasgado elogio.

Conhecia apenas o Dr. Korth de nome, fui logo procural-o.

Não estava em casa, mas não podia tardar.

Esperavam-n'o havia já tempo tres dos seus amigos intimos, tres dos seus companheiros dos quartetos de musica de camara, porque o Dr. Korth junta a ser um excellente medico o ser um excellente musico.

O Korth chegou.

Apresentei-me e contei-lhe a que ia.

— Vamos vêr a doente, disse-me logo elle, e veio immediatamente.

E d'ali a poucos dias era uma vez febre typhoide e a minha filha estava boa.

Data d'ahi o meu conhecimento com o Dr. Korth, conhecimento que dentro em pouco se tornou em estima e hoje n'uma amizade verdadeiramente fraternal. É raro o dia em que o Korth não vem a minha casa dar dois dedos de cavaco, elle que é um cavaqueador de mão cheia, cavaco sobre musica, sobre arte, sobre litterattura.

D'então para cá todas as vezes que a doença tem entrado em minha casa, o Dr. Korth tem-n'a feito logo sahir, com o seu grande talento medico, com a sua dedicação sem limites.

D'esta vez ainda n'esta minha doença foram essa dedicação e esse tacto medico que me salvaram.

O Dr. Korth viu-me, receitou-me, mas ao terceiro dia disse — É necessario que v. seja visto por um especialista da sua doença antiga, doença de que nunca se tratou apesar de eu lhe dizer todos os dias que tratasse d'isso a serio.

— Pois sim, respondi lhe eu, agora em estando melhor, em me passando a febre...

— Nada, ha de ser já. Escolha o cirurgião que quizer, mas não saio d'aqui sem você o ter escolhido, porque eu mesmo o vou chamar e ha de vir ainda hoje vel-o

Não havia remedio senão escolher.

Lembrei-me então d'uma conversação que semanas antes ouvira.

Ha cousa de seis mezes chegára a Lisboa um especialista de doença de bexiga, que vinha de Paris, de ahi trabalhar durante um anno no internato do Dr. Guyon, o celebre especialista francez.

Chamava-se Furtado esse medico e alguem pedindo d'elle informações a um dos medicos mais illustres de Lisboa, a um dos grandes mestres consagrados da nossa sciencia, obtivera esta resposta:

— Eu não padeço d'essas doenças, mas se um dia padecer entrego-me de corpo e alma nas mãos do Furtado, porque sei o que elle sabe, e sei o que elle vale.

Como disse, esta conversa ouvida ha semanas occorreu-me então quando o dr. Korth me exigia terminantemente que escolhesse um especialista.

E disse-lhe sem hesitar:

— Quero o Furtado.

— Não o conheço, mas é meu visinho, sei que tem o consultorio na rua Larga de S. Roque, ao pé de mim. Cá tem logo o Furtado.

Effectivamente n'essa noite vi entrar pelo quarto dentro um rapaz muito novo ainda, alto, magro, pallido, de pequeno bigode preto, um rapaz que eu não conhecia, que nunca tinha visto.

Era o doutor Furtado.

Aquelle rapaz de 26 annos e meio apenas, era o medico notabilissimo, o operador eximio a quem eu havia de dever a vida!

N'essa noite foi uma visita de simples apresentação.

O dr. Furtado vinha simplesmente para me tratar da minha doença chronica, e para começar esse tratamento era melhor esperar que passasse a doença aguda, que então estava soffrendo e que ainda fugia ao diagnostico.

Despedimo-nos ficando o dr. Furtado de vir d'ali a 4 ou 5 dias para começarmos o nosso tratamento.

O medico era muito novo mas deixara-me uma excellente impressão, era extremamente sympathico, o que não é de modo nenhum indifferente n'um medico.

D'ali a dois dias porém o meu estado aggravou-se extraordinariamente, a doença desvendou-se emfim.

O dr. Korth veio como costume, viu-me, examinou-me, mas n'esse dia não conversou.

Poz o chapeu e sahiu logo.

D'ali a pedaço, ao anoitecer, com muito espanto meu, vi apparecer ao pé do meu leito a dr. Furtado.

Os cinco dias que elle me tinha dado de espera não tinham passado ainda. O que queria dizer aquillo?

Não tive muito tempo para tratar de desvendar esse mysterio, porque a febre que subia a 40 graus e uns decimos não me deixara a cabeça em muito bom estado para advinhar enygmas.

Sei que d'ali a nada tornou a apparecer no meu quarto o dr. Korth, que me metteu o thermometro, e não soube mais nada.

Na manhã seguinte senti uma coisa que nunca na minha vida tinha sentido e que creio ter sido a visão da morte.

Não dormia nem estava accordado; era um estado de entorpecimento de abstracção que não sei explicar.

Eu via ao meu lado, a minha mulher, a minha querida enfermeira que nem um momento se affastava de mim, sempre risonha sempre animadora, afogando heroicamente as lagrimas que a cada momento lhe acudiam aos olhos, via ao meu lado o meu cunhado Jorge que me acompanhou em toda a doença como o mais dedicado dos enfermeiros, via mais duas ou tres pessoas, mas sentia um silencio profundo, enorme, o silencio que se sente quando se atravessa uma grande planice deserta, e ao mesmo tempo experimentava um bem estar ineffavel, indizivel e parecia-me que ia ficar assim sempre, como que suspenso n'essa atmosphera mysteriosa e vaga.

De repente despertou-me a presença de dois vultos novos. Eram o dr. Korth e o dr. Furtado.

Desci á terra.

Fallei-lhes, mas notei que a jovialidade com que o Korth me fallava era muito differente da sua jovialidade habitual, tinha o seu quê bem evidente de postiço, de forçado.

O dr. Furtado com a serenidade inalteravel que é um dos seus caracteristicos disse-me então que era necessario dar uns golpes n'um tumor que nos ultimos dias me apparecera e tomára rapidamente proporções colossaes.

Disse-lhe que sim, que fizesse o que entendesse, que me entregava nas suas mãos.

A primeira operação fez-se e foi então que eu percebi ao ver o que de mim sahia, o que era o que tinha, o perigo enorme em que estava, o envenenamento do sangue pelo acido urico.

E confesso que n'esse momento, ao reconhecer a gravidade extrema do meu estado e ao ver me entregue nas mãos d'aquelle rapaz tão novo, que eu conhecia da vespera, que não tinha atraz de si longos annos de clinica a fazerem-lhe auctoridade, tive uns segundos de desconfiança, de medo.

E esquecendo deante d'este supremo cuidado da conservação propria, as dôres horrorosas que estava soffrendo, puz-me a olhar um pedaço para aquelle rapaz a quem eu confiára a minha vida, que podia com o mais pequeno descuido atirar-me para o outro mundo.

Olhei para elle e vi-o com tanta serenidade, com tanto sangue frio e com tanta firmeza cortando e retalhando em mim, sem a mais ligeira hesitação como quem tem a sciencia e a consciencia do que está fazendo, como, quem tem a certesa de vencer, que a confiança renasceu-me de repente, enorme, profunda, illimitada.

E nunca houve confiança mais bem collocada do que essa.

A lucta foi demorada mas a alta sciencia, a inexcedivel dedicação do Dr. Furtado triumpharam do mal e foi com uma alegria de verdadeiro amigo que elle uma noute me disse abraçando-me:

— Dou-lhe os parabens, desde hoje entrou em convalescença.

E mesmo n'essa convalescença que tem sido demorada elle e o Dr. Korth me tem acompanhado dia a dia, com um cuidado extremo, muito mais de amigos que de medicos.

Depois d'isto comprehendem bem decerto que eu tenha uma verdadeira adoração por esses dois illustres medicos, pelo Dr. Furtado que me salvou a vida, pelo Dr. Korth que conhecendo o perigo em que eu estava e comprehendendo que era o momento da medicina ceder o passo á cirurgia, me foi buscar aquelle grande operador que é já uma das glorias mais brilhantes da cirurgia portugueza e que seria das mais apregoadas e famosas se fossem do dominio publico todas as operações gravissimas e difficeis que elle tem feito *sans tambour ni trompette* durante os seus seis mezes de clinica em Lisboa, todas as curas que elle tem levado a cabo, desde que veio de fazer em Paris tirocinio da sua especialidade, sob a direcção do Dr. Guyon, o mestre dos mestres.

Comprehendendo a amizade e a gratidão que eu devo a esses dois homens que me arrancaram á morte de que tão proximo estava já, desculpam-me de certo o ter gasto quasi toda a primeira chronica do anno novo fallando de mim e da minha doença.

Do anno novo de resto nada ha que dizer. Nasceu hoje, ainda não tem biographia.

Do anno velho sim, d'esse havia muito que fallar, mas não serei eu quem falle d'elle, porque não posso nem devo dizer mal d'um anno que se para mim teve um mez terrivel, por fim arrependeu-se dando-me no seu ultimo mez as alegrias ineffaveis da resurreição.

Emquanto á chronica de Lisboa, essa não lh'a posso eu secrever hoje ainda mettido dentro das restricções e dos cuidados da convalescença.

E por isso não fiz muito mal fallando da minha vida, porque da vida Lisboeta nada posso fallar.

Sei que no mundo politico se fecham as camaras n'um dia, para se abrirem d'ali a dois dias e para se tornarem a fechar no dia seguinte; sei que no mundo policial, houve um grande acontecimento, a descoberta d'uma quadrilha de gatunos espertos, todos hespanhoes, quadrilha que fez um roubo importante no Chiado, um cofre com 30 contos de valores e que ha suspeitas de ter feito muitos outros roubos por essa cidade de Lisboa, cabendo as honras da descoberta d'esses larapios ao illustre commissario de policia o Dr. Pedroso de Lima, que n'esta deligencia deu mais uma brilhante prova do seu notavel tacto policial e do seu inexcedivel zelo; sei que no mundo theatral ha duas bellas que despertam no nosso publico um enthusiasmo atheniense, a bella Geraldine e a bella Zephora, sei... Perdão, não sei mais nada senão que tenho que agradecer aos dois illustres escriptores que durante a minha ausencia tão brilhantemente me substituiram n'estas minhas chronicas e aos meus leitores a paciencia com que me aturaram as minhas impertinencias de convalescente n'esta chronica de anno novo.

Gervasio Lobato.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

EM GUIMARÃES

A gravura com que illustramos a primeira pagina do presente volume, representa um dos monumentos religiosos mais notaveis de Portugal, a que está ligada a historia da hoje cidade de Guimarães, berço da monarchia portugueza, theatro de tantas luctas para firmar esta monarchia e por isso de gloriosas recordações, e bons exemplos de civismo e amor patrio de tempos que vão longe.

Em presença, pois, de tão importante monumento, não duvidamos dispôr de um maior espaço dedicado á sua historia, e de para isso nos soccorrermos do que deixou dito o fallecido escriptor e sabio investigador da historia patria, Ignacio de Vilhena Barbosa, no seu bello livro *Monumentos de Portugal.*

E' tão completa e interessante a noticia que Vilhena Barbosa nos dá d'este monumento, que tudo que dissessemos sobre tão importante assumpto, seria insufficiente.

Sigamos, pois, a sua historia desde a primitiva fundação do mosteiro:

«Nos principios do seculo x governava a provincia de Entre Douro e Minho, em nome dos reis de Leão e das Asturias, D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, casado com D. Muma, ou, como então diziam Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei d'aquelles estados.

«Ficando viuva, e possuidora de avultados bens, a condessa Mumadona resolveu fundar um mosteiro, com o fim de suffragar a alma do esposo, que tanto amára, e de buscar um asylo, onde vivesse o resto de seus dias retirada do mundo, e só para Deus.

«Entre as numerosas propriedades legadas pelo conde D. Hermenegildo a sua mulher e seus filhos, havia uma quinta situada na provincia de Entre o Douro e Minho, a pouca distancia do rio Ave, e perto do ribeiro Celho, denominada *Vimarães* ou Vimaranes, do nome de uma aldeia, que lhe ficava proxima. N'esta quinta, pois, que coubera em partilha a sua filha D. Urraca, e que esta trocára por outra pertencente a sua mãe, deu principio a condessa Mumadona á fundação do mosteiro pelos annos 927 a 929, depois de obtidas as licenças necessarias. Concluidas as obras doou o mosteiro á ordem benedictina, fazendo-o povoar de monges e freiras. Era n'esses tempos muito usada esta pratica de habitarem no mesmo convento frades e freiras, mas inteiramente separados em duas partes do edificio, que não tinham communicação entre si, sendo apenas commum o templo, no qual as duas communidades religiosas assistiam aos officios divinos, em lugares tambem separados e distantes um do outro.

«Chamavam-se *mosteiros duples.* Diversas razões originaram esta pratica. A principal era, sem dúvida, a pobreza d'aquella idade, que tornava difficil, por falta de meios, a edificação de mosteiros. Nos mosteiros duples poupavam-se as despezas da construcção de uma igreja, pois que o mesmo templo servia para os dois conventos de religiosos e religiosas.

«Auctorisada pelo testamento de seu marido, que lhe permittira dispôr da quinta parte dos seus bens em beneficio dos desvalidos e dos peregrinos, para amparo de orphãos e viuvas, e para fundações religiosas, fez doação ao mosteiro de muitas quintas, terras, marinhas e outras propriedades, vasos sagrados, cruzes, castiçaes, lampadas, paramentos e outras alfaias para adorno do templo e exercicio do culto, sinos para a torre, livros de reza, roupas, moveis e utensilios para uso dos monges e monjas; e para o serviço dos mosteiros e da lavoura de algumas terras visinhas 30 cavallos, 70 eguas e 50 muares. Não havia então em toda a provincia cenobio mais ricamente dotado do que este.

«A condessa Mumadona dedicou a igreja a Nossa Senhora e ao Salvador do Mundo, e recolheu-se ao mosteiro das religiosas.

«Apesar das grandes despezas de construcção e ornato, e de todo o necessario para commodidade dos moradores do edificio, e não obstante a doação de muitas propriedades, para a sua sustentação, ainda restaram á fundadora importantes bens, cujos rendimentos eram por ella applicados em soccorrer a pobreza, consolando e enxugando as lagrimas, por differentes modos, aos infelizes.

«Attrahidos por tão continuados actos de caridade, e pela vida exemplar dos religiosos, vieram aninhar-se á sombra do sanctuario muitos habitantes da proxima aldeia de Vimaranes e outros que viviam solitarios por aquelles arredores, tirando parco e mesquinho sustento dos pequenos tratos de terreno, que cultivavam. Aquella aldeia e esta povoação constituiram o burgo, mais tarde villa, e hoje cidade de Guimarães.

«Na epocha em que se levou a effeito esta fundação, já a provincia de Entre Douro e Minho estava inteiramente desaffrontada de mouros. Porém, não estava isenta das terriveis invasões d'esse povo guerreiro que abria caminho a ferro e a fogo pelo meio das povoações indefezas, deixando atraz de si longo rasto de sangue e de cinzas. Não se julgando, pois, em segurança no seu asylo de paz, nem os seus bons religiosos, contra as correrias dos infieis, mandou construir perto do mosteiro, junto á aldeia de Vimaranes, um castello para defensa d'aquelles lugares, e que em caso de necessidade offerecesse refugio seguro aos moradores do convento e da povoação.

«Depois do fallecimento da condessa Mumadona, o mosteiro continuou a opulentar-se com as doações, que lhe fizeram os descendentes da fundadora. Mas quando se achava n'estas circumstancias tão prosperas, as vicissitudes da sorte descarregaram-lhe um golpe cruel. Correndo o anno de 967 foi invadida a provincia de Entre Douro e Minho por um exercito sarraceno, capitaneado pelo feroz Al-Coraxi, rei de Sevilha. Os invasores assaltaram tão repentinamente, durante a noute, o mosteiro de Nossa Senhora e o burgo visinho, que os seus moradores, não todos, mal tiveram tempo de se refugiarem no castello da condessa Mumadona, sem poderem levar comsigo o seu movel mais precioso. Assim cahiram a povoação e o mosteiro em poder dos mouros, que destruiram a primeira, então ainda pequena e pobre, e saquearam e devastaram o segundo, levando d'elle um rico despojo.

«Graças aos seus avultados rendimentos, conseguiram os religiosos, em um breve periodo, reparar os estragos no edificio, e guarnecel-o com as alfaias e moveis precisos. Porém passado pouco tempo sobreveiu-lhe uma igual calamidade. D'esta vez vinha á frente do exercito inimigo o celebre Al-Mansor, aquelle valente e ousadissimo general musulmano, que foi o terror das populações christãs pela sua audacia e crueldade. O mosteiro e o burgo foram novamente roubados e assolados; e o castello esteve quasi a ser tomado por tão implacavel inimigo. E sel-o-ia, de certo, se os mouros prolongassem o cerco, porque não se achava a fortaleza abastecida sufficientemente de viveres para alimentar por muito tempo a grande quantidade de gente, que se acolhera dentro de seus muros.

«Pretendem alguns auctores que o castello fôra tomado pelos mouros n'estas duas invasões. Os escriptores que emittem esta opinião não a auctorisam com prova alguma, nem razão plausivel.

«Na verdade poucas memorias nos restam d'esses tempos tão remotos. Passava-se a maior parte dos acontecimentos sem que fôssem registados nos archivos da historia. Todavia, nos mosteiros, embora não tivessem ainda chronistas, eram commemorados por algum modo, escripto ou gravado, os grandes successos que lhe diziam respeito, taes como a sua fundação, acommettimentos e perseguições de mouros, etc. Foi por esta fórma, sem duvida, que chegou ao nosso conhecimento a noticia da fundação do mosteiro e do castello, e d'aquellas invasões. Se d'estas ultimas se perderam, no correr dos tempos, as memorias escriptas contemporaneas, foram estas substituidas pelas tradicionaes. Parece-me pouco provavel, attendendo á riqueza da fundadora, e á necessidade que havia de defensa para o seu mosteiro, que 37 ou 38 annos depois da fundação d'este cenobio não estivesse ainda o castello, senão inteiramente concluido, pelo menos em circumstancias de offerecer tenaz resistencia ao inimigo. E ainda menos provavel me parece, que fosse tomado pelos mouros, sem que estes fizessem grande morticinio nos christãos, segundo costumavam fazer nas suas invasões, como represalias, quando se apoderavam de povoações, fortalezas e mosteiros. Se encontravam resistencia, passavam ao fio da espada todos os christãos, como estes faziam n'elles a seu turno, quando eram vencedores. Mas ainda que não achassem resistencia, não deixavam de cevar a sua vingança no sangue dos captivos. Ora as memorias, que nos dão noticia do saque dado pelos mouros na povoação e no mosteiro, não deixariam em silencio o morticinio feito no castello, se fôsse por elles entrada a fortaleza. Mas ainda que não se dê peso a estas considerações e se admitta como um facto incontestavel a tomada do castello pelo exercito de Al Coraxi no anno de 967, não é crivel que, depois de tão dura provança, estivesse por concluir esta fortaleza no anno de 998, ao tempo da segunda invasão, capitaneada por Al-Mansor. Em negocio de tamanho interesse para os monges, que dispunham de grossas rendas, e para os populares do visinho burgo, que tinham numerosos braços validos, o periodo de mais 32 annos, era sufficiente para se construir desde os alicerces um castello de tão pequena area, como o de Guimarães, quanto mais para acabar uma fortaleza, que andava em construcção ha tantos annos.

«N'este castello, da invocação de S. Mamede, e doado ao mosteiro pela condessa Mumadona, estabeleceram a sua residencia, e a sua côrte na qualidade de soberanos de Portugal, o conde D. Henrique de Borgonha e a sua mulher a rainha D. Thereza. Nas paços d'esta fortaleza, dos quaes ainda restam bastantes vestigios para se ajuizar da sua architectura, e divisões interiores, nasceu D. Affonso Henriques, o illustre fundador da monarchia, aos 25 de julho de 1109.

«Foi extincto o mosteiro sob o governo do conde D. Henrique de Borgonha, que fez da igreja de Nossa Senhora capella real, alcançando bulla pontificia para a sua erecção em collegiada com um dom prior e conegos. Parece que se effectuou esta reforma em 1109. O mesmo soberano deu principio á reedificação da igreja, que sómente se acabou nos fins do reinado de seu filho, em 1172. Supponho, porém, que não se procedeu a uma reconstrucção *á fundamentis*, e que os trabalhos não proseguiram em todo esse comprido periodo, antes pelo contrario teriam longas interrupções, pela razão de que, passados pouco mais de dois seculos, periodo que não é muito dilatado para a existencia de edificios d'este genero, achava-se a igreja bastante arruinada, quando el rei D. João I se propoz a reedifical-a.

«D. Affonso Henriques augmentou muito o lustre d'esta collegiada, impetrando e obtendo dos summos pontifices novas prerogativas, que a elevaram quasi ás honras de uma sé.

«Até aos principios do ultimo quartel do seculo XIV a antiquissima imagem da Virgem, que se venera n'aquella collegiada, não tinha denominação alguma particular. A invocação tanto da imagem, como da igreja, era simplesmente de *Nossa Senhora.* Eis a lenda que deu origem ao titulo de *Nossa Senhora da Oliveira.*

«No começo do seculo XIV existia junto da igreja de S. Torquato, uma legua distante de Guimarães, uma frondosa oliveira, que dava o azeite para a lampada do santo. Foi esta oliveira arrancada, transportada para Guimarães, e ahi plantada defronte da porta da collegiada de Nossa Senhora, sem duvida com o intento de que prestasse á imagem da Virgem igual serviço ao que até então prestára a S. Torquato. Seccou logo a arvore, e secca a deixaram ficar no mesmo lugar, e assim se conservou até ao anno de 1342, em que Pero Esteves collocou a par da oliveira uma cruz, que seu irmão, Gonçalo Esteves, comprára na Normandia e a trouxera para Guimarães. Foi collocada alli a cruz aos 8 de setembro do referido anno, e tres dias depois reverdeceu a oliveira, deitando novos rebentões, e cobrindo-se de folhagem viçosa. Divulgou-se instantaneamente por toda a villa a noticia do successo. Correram em tropel os fieis a presencearem o prodigio, e a pros-

trarem-se cheios de devoção perante a santa imagem da Virgem, que d'ahi em diante cresceu em fama de milagrosa sob a invocação que os devotos lhe deram de *Nossa Senhora da Oliveira*.

(Continúa). *R.*

AS NOSSAS GRAVURAS

A VOLTA DOS BARCOS

Quadro de Souza Pinto

A volta dos barcos, é o titulo do bello quadro que o sr. Sousa Pinto expôz no ultimo *Salon* de Paris, e este titulo conta logo a historia da scena que temos deante dos olhos, tal é a expressão das figuras e o logar onde se encontram perfeitamente pintado com toda a côr local e sentimento.

A scena passa-se na Povoa de Varzim, e é uma d'esssas scenas vulgares de vêr na praia, em povoação de pescadores. Aquella velha e aquellas duas crianças que com ella se conchegam, seguem attentas com a vista os barcos de pesca que lá do largo voltam para terra, luctando com o mar alteroso, e n'esses barcos alguem esperam que lhes pertence e já lhes tarda, pelo que vem ao seu encontro.

Os typos, perfeitamente estudados, são de uma grande verdade; a praia é vasta e dentro dos lemites do quadro bem achada a sua linha prespectica. Os accessorios compõem bem e dão ao quadro toda a realidade da scena.

Este quadro é mais uma obra notavel do sr. Sousa Pinto, pintor de reconhecido talento que é já uma gloria da arte portugueza.

MARQUEZ DE PENAFIEL

O telegrapho acaba de nos transmittir a noticia do fallecimento. em Berlim, do ministro de Portugal junto d'aquella corte, marquez de Penafiel.

Foi uma surpreza esta noticia, porque não se sabia em Lisboa que o illustre diplomata estivesse doente, e a impressão que ella produziu foi do maior sentimento.

Está ainda na memoria da sociedade lisbonense as preciosas qualidades de caracter, a grandeza d'animo e primoroso trato do sr marquez de Penafiel, largamente reveladas durante o tempo que viveu n'esta capital, no seu palacio da rua de S. Mamede, onde se reunia amiudadas vezes, a flor da nossa sociedade, em explendidas festas, modelos de bom gosto e de bizarra fidalguia.

Vão passados vinte annos que essas festas fizeram epoca em Lisboa, e ainda hoje são recordadas, como não esquecem as festas dos condes de Farrobo e marquezes de Vianna.

Mas se em Lisboa o sr. marquez de Penafiel deixou as mais gratas recordações, não foi menos sentida a sua morte, na corte Berlim, onde o illustre diplomata era muito estimado pelos soberanos e por toda a corte e onde o seu funeral foi motivo das mais significativas provas de alta estima e consideração, tanto por parte do governo allemão, como por parte de todo o corpo diplomatico.

*
* *

Antonio José da Serra Gomes 1.º marquez e 2.º conde de Penafiel, nasceu no Maranhão a 30 de agosto de 1819. Filho de Antonio José Gomes, natural de Portugal e de D. Carlota Joaquina da Serra Freire, natural do Brazil, ambos fallecidos, veiu para Lisboa addido á legação do Brazil n'esta cidade.

Em Lisboa casou com a sr.ª D. Maria d'Assumpção da Matta de Sousa Coutinho 1.ª marqueza e 2.ª condessa de Penafiel, Dama de Honor de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, Dama da Ordem de S. João de Jerusalem, 9.ª sr.ª do Officio de Correio-mór do Reino.

Foi pelo seu casamento, que adquiriu o titulo primeiro de conde e depois de marquez de Penafiel, tendo-se naturallsado portuguez em 14 de fevereiro de 1861.

Possuidor de uma grande fortuna, soube gozal-a e susteatar a grandeza da sua fidalguia, transformando completamente o antigo palacio do Correio-mór, solar do 1.ª c[onde] de Penafiel, n'uma habitação principesca, onde a arte e o bom gosto tiveram o seu culto.

Ali, como dissemos, se realisaram os mais explendidos bailes, banquetes e *soirees* a que Lisboa tem assistido, realçados pelos primores inexcediveis dos marquezes de Penafiel.

Por 1874 foram os marquezes de Penafiel viver para Paris, e venderam toda a rica mobilia do seu palacio de Lisboa.

Foi em 1880 que Fontes Pereira de Mello convidou o sr. marquez de Penafiel para ministro de Portugal, na corte de Berlim, então legação de segunda classe, logar que acceitou e foi occupar, desempenhando-se d'elle com a mais reconhecida competencia.

Uma das mais importantes commissões que desempenhou no alto cargo que exercia, foi por occasião da conferencia de Berlim, em 1885, em que tomou parte nos trabalhos da conferencia com o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel e Luciano Cordeiro, delegados do governo portuguez.

O sr. marquez de Penafiel era par do reino, official-mór honorario; grã-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; commendador da Ordem de Christo; da Aguia Vermelha da Prussia; da dos principes de Hohenzollerin; grã-cruz de Alberto o Valoroso da Saxonia; de Madjidie, da Turquia; da de Ernesto de Saxe Coburgo-Gotha; official da Legião d'Honra; official da Rosa, do Brazil; official da Instrucção Publica, de França, etc.

Do seu casamento nasceram dois filhos, o sr. Manuel Antonio Maria Apolonia Gomes da Matta de Sousa Coutinho, 3.º conde de Penafiel, official mór da Casa Real; commendador da Ordem de Christo; cavalleiro da Ordem de Malta; secretario da legação portugueza, em Berlim; Bacharel em Lettras e licenciado em Direito pela Universidade de Paris; e a sr.ª D. Maria d'Assumpção Magdalena Catharina Gomes da Matta de Sousa Coutinho.

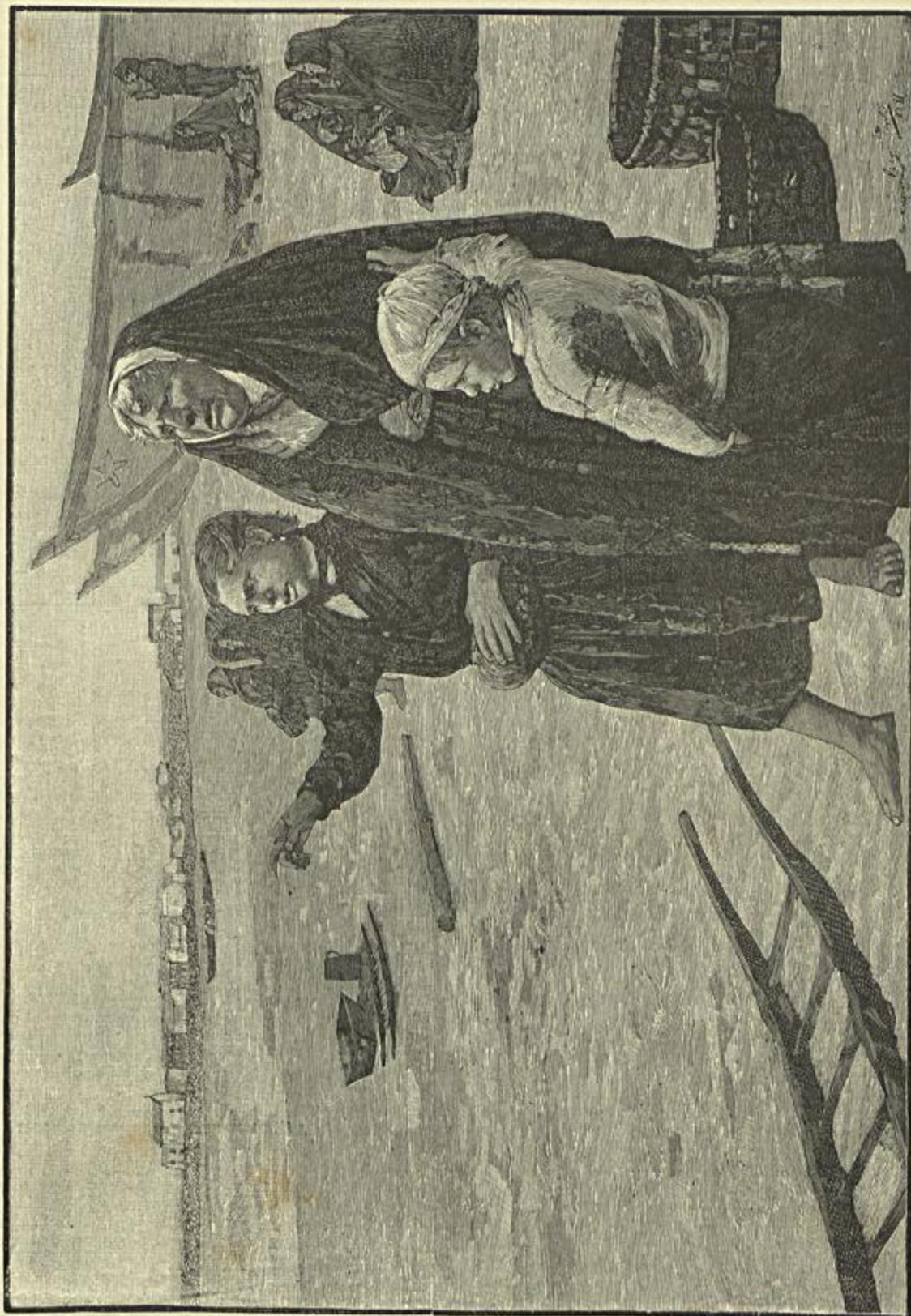
DR. JOÃO D'KORTH

DR. ARTHUR FURTADO PEREIRA

Vid. Chronica Occidental

A MÃE DE CAMÕES

Ninguem mais do que eu respeita o nome illustre do sr. conselheiro Wilhelm Storck, de Munster; ninguem mais do que eu reconhece o

BELLAS-ARTES

A VOLTA DOS BARCOS — QUADRO DE SOUZA PINTO

importante serviço que elle prestou ao nosso paiz, traduzindo para verso allemão as poesias de Camões e escrevendo um volume ácerca da sua vida; trabalhos que a Academia Real das Sciencias de Lisboa galardoou com toda a justiça conferindo-lhe o diploma de seu socio correspondente; e, se a isto se juntarem as relações litterarias que teem havido entre nós ambos por causa da minha Historia do Infante D. Duarte, que elle teve a bondade de recommendar com a sua auctoridade ao publico allemão, formar-se-ha ideia da reluctancia que experimento ao escrever estas linhas para combater algumas das suas opiniões contidas n'aquella biographia do grande épico portuguez; mas a verdade está acima de tudo; a vida do auctor dos *Luziadas* vae-se desfigurando cada vez mais, á força de quererem reconstruil-a; e é preciso não deixar passar á sombra do nome do sr. Storck, as consequencias que elle tira de premissas, quanto a mim, insubsistentes. É portanto a importancia que ligo a tudo quanto respeita ao maior dos nossos poetas e a propria consideração pelo sr. Storck o que me leva a dissentir no presente caso das suas opiniões.

Possúo, graças á generosidade do seu auctor, a *Vida de Luiz de Camões (Luis de Camoens Leben)*; mas a minha ignorancia da lingua allemã tem feito infelizmente com que não possa aprecial-a conforme desejo. Essa contrariedade vae desapparecer dentro em pouco; a benemerita escriptora, a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem tanto já são reconhecidas as nossas lettras, verteu, ou está vertendo, a obra para portuguez, e tenciona publical-a acompanhada de notas elucidativas, com o que ella ganhará de certo muito, attenta a sufficiencia da traductora e annotadora. Entretanto, para amostra do trabalho do sr. Storck e da versão, imprimiu-se no numero doze do primeiro volume do *Circulo Camoniano*, que sahiu ha pouco, uma parte de um dos seus capitulos, e é n'esta parte que recahe a minha modesta critica.

São varias as asserções do sr. Storck; e um dos seus principaes fundamentos resulta da erronea interpretação de uma passagem da bella e conhecida canção que principia:

> Vinde cá, meu tão certo secretario,

contada umas vezes como a decima e outras como a undecima nas obras de Camões.

Logo no começo diz o sr. Storck: «N'aquella incomparavel canção... temos fragmentos de uma autobiographia do poeta, lançada a largos traços.» E mais adiante, depois de elogiar as bellezas d'ella: «Ha n'estas estrophes referencias á infancia, e mesmo ao nascimento do poeta que são preciosas. Ouçamos as confissões do varão que volve os olhos para traz, meditando e suspirando:

> Quando vim da *materna sepultura*
> *De novo ao mundo*, logo me fizeram
> Estrellas infelizes obrigado.
> Com ter livre alvedrio, m'o não deram,
> Que eu conheci mil vezes na ventura
> O melhor, e o peior segui forçado.
> E para que o tormento conformado
> Me dessem com a edade, quando abrisse
> Inda menino os olhos brandamente,
> Mandam que diligente
> Um menino sem olhos me ferisse.
> As lagrimas da infancia já manavam
> Com uma saúdade namorada;
> O som dos gritos que no berço dava
> Já como de suspiros me soava.
> Co'o fado estava a edade concertada,
> Porque, quando por caso m'embalavam,
> Se de amor tristes versos me cantavam,
> Logo me adormecia a natureza:
> Que tão conforme estava co'a tristeza.
>
> Foi minh'ama uma fera; que o destino
> Não quiz que mulher fosse a que tivesse
> Tal nome para mim; nem a haveria.
> Assim criado fui, por que bebesse
> O veneno amoroso de menino,
> Que na maior edade beberia,
> E por costume não me mataria.

«A figura pouco vulgar usada nas linhas 41 e 42 — quando vim da materna sepultura de novo ao mundo — torna verosimil a interpretação seguinte, ou, antes, não admitte senão esta unica: que o nascimento de Camões custou a vida de sua mãe. Calderon de la Barca, que, sem duvida alguma conhecia e estimava as obras de Camões, como as conheciam e estimavam Fernando de Herrera, Miguel de Cervantes, Lope de Vega e Tirso de Molina, emprega a mesma phrase em sentido identico mais do que uma vez. Além d'isso, ha outra expressão immediata na mesma estrophe que está de accordo com a minha explicação: a criança recem-nascida teve que lamentar chorando «as estrellas infelizes» que «logo» a tornaram «obrigada».

As palavras — materna sepultura — só se podem entender por sepultura onde está morta a mãe ou feita para guardar os seus restos ou por sepultura formada pelo corpo da mãe. É inadmissivel no caso sujeito o primeiro sentido, e admissivel o segundo, a saber: quando sahi do ventre materno, onde estava como que n'uma sepultura; pois assim se diz com toda a propriedade do infante que, antes de nascer, n'elle se acha encerrado e sem vida para o mundo.

Faria e Sousa commentando este mesmo passo escreve: «Sepulcro vivo de la vida és el ventre de una muger preñada. Asi la llama Merlin Cocayo en su Triperuno, Selva I:

> Così piu mesi in quella tomba involto
> Io, pronto spirto, nella carne infirma
> Steti, non pur prigione, ma sepolto.

E na *Prophecia* de Jeremias, cap. XX versiculo XVII lemos:

«Qui (scilicet: Maledictus vir qui) non me interfecit á vulva, ut fieret mihi mater mea sepulchrum, et vulva ejus conceptus eternus.

Ambas estas citações me justificam; ambas ellas são frisantissimas. As palavras — quando vim da materna sepultura — não incluem portanto, como aquellas tambem não incluem, a ideia da morte da mãe na occasião do parto; applicam-se em relação ao infante, ou esteja a mãe viva, ou tenha fallecido; como se applicam só a D. Sebastião independentemente da morte ou da vida dos animaes ferozes, os seguintes versos de Diogo Bernardes:

> As feras e as aves carniceiras
> Vos deram em seus ventres sepultura;

e só a Clorinda estes que Tasso faz dizer a Tancredo;

> Io pur verrò là dove siete, e voi
> Meco avrò, s'anco siete, amate spoglie.
> Ma s'egli avvien che i vaghi membri suoi
> Stati sian cibo di ferine voglie,
> Vo'che la bocca stessa anco me ingoi,
> E'l ventre chiuda me, che lor raccoglie.
> Onorata per me tomba e felice,
> Ovunque sia, s'esser con lor mi lice.

Sinto não conhecer as phrases de Calderon de la Barca, que o sr. Storck julga serem empregadas no mesmo sentido; mas duvido-o: é de certo má interpretação. De mais, se Camões pretendesse exprimir que o seu nascimento custara a vida a sua mãe, esta desgraça, que deve ser considerada por um filho a maior das desgraças, fôra descripta com as expressões de dôr correspondentes, e seria, logo ao entrar na vida, a funebre porta de todos os seus infortunios. Com effeito, que logar mais adequado, se isso fosse verdade, para lamentar a sorte de sua infeliz mãe, e para expandir o seu amor filial em vehementes e dolorosas queixas! Não o fazer, referindo-se a tão lamentavel acontecimento, parece bastante prova só de per si de que as palavras — materna sepultura — não pódem significar o que o sr. Storck pretende; e admira que este sr., concluindo mais adiante, como veremos, que o poeta não conheceu sua mãe, morta á sua nascença, pelo facto de a não mencionar nas suas obras, não attentasse que deixou de fallar n'ella n'esta occasião, que era opportunissima, e não tirasse d'ahi a consequencia que acabo de apontar.

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo,

quer portanto dizer simplesmente — mal nasci —; e;

> Logo me fizeram
> Estrellas infelizes obrigado:

que — apenas nasci, fiquei sujeito ao influxo da minha má estrella —; pelo que em nada completam estes dois versos, nem podiam completar, o sentido que o sr. Storck suppoz no verso e meio transcriptos antes.

«Creio reconhecer, continúa o sr. Storck, a confirmação das minhas ideias sobre a morte prematura da mãe do poeta, immediata ao seu nascimento, em mais algumas passagens das suas obras, alem da canção já citada. Sirvam de exemplo duas estrophes da cantiga em endechas, dirigida a el-rei, em que o vate lamenta a sua estrella adversa, cantando:

> Naciendo mesquino,
> Dolor fué mi cama!
> Tristeza fué el ama!
> Cuidado el padrino!
> Vestióse el destino
> Negra vestidura;
> Huyó la ventura!
> No se halló tormento
> Que alli no se hallasse,
> Ni bien que pasasse
> Sino como viento.
> Oh! que nascimiento,
> Que luego en la cuna
> Me siguió fortuna! [1]

«Os mesmos negros pensamentos se repetem em um soneto, a que dei o titulo *Fantasia sepulchral (Grabes-gedanken)*. Ouçam o ultimo terceto:

> Na vida desamor sómente vi;
> Na morte a grande dor que me ficou:
> Parece que para isto só nasci.»

Não posso atinar, por mais que o procure, com o que n'estes versos confirma a inducção do sr. Storck sobre a morte da mãe do poeta immediata ao seu nascimento. São tudo termos geraes de que a desventura o perseguia desde o berço, e allusão á morte de uma pessoa, que não nomeia, nem diz quando falleceu.

Pelas palavras que vimos do sr. Storck, no texto e nas que põe em nota, ha tambem testemunhos a favor da sua opinião nas outras estrophes da chamada cantiga em endechas e no restante do soneto; e por isso aqui transcrevemos o que falta das duas poesias, para conhecimento dos leitores.

A cantiga consta do mote

> Dó la mi ventura,
> Que no veo alguna;

e das suas voltas em cinco estrophes, das quaes a primeira é.

> Sepa quien padece
> Que en la sepultura
> Se esconde ventura
> De quien la merece.
> Allá me parece
> Que quiere fortuna
> Que yo halle alguna.

Segue com a segunda e a terceira que já conhecemos, e termina com as duas ultimas d'este teor:

> Esta dicha mia,
> Que siempre busqué,
> Buscandola, hallé
> Que no la hallaria;
> Que quien nace en dia
> D'estrella tan dura
> Nunca halla ventura.
> No puso mi estrella
> Mas ventura en min;
> Ansi vive en fin
> Quien nace sin ella.
> No me quejo della;
> Quejome que atura
> Vida tan escura.

O soneto completo é:

> Que poderei do mundo já querer,
> Pois no mesmo em que puz tamanho amor
> Não vi senão desgosto e desfavor,
> E morte emfim; que mais não pode ser.
> Pois me não farta a vida de viver,
> Pois já sei que não mata grande dôr,
> Se houver cousa que magoa dê maior,
> Eu a verei; que tudo posso ver.
> A morte, a meu pezar, me assegurou
> De quanto mal me vinha; já perdi
> O que a perder o medo me ensinou
> Na vida desamor sómente vi;
> Na morte a grande dor que me ficou:
> Parece que para isto só nasci.

Como se colhe da leitura, estes versos estão no mesmo caso dos primeiros. Nada pois confirma a opinião do sr. Storck; nem acredito que as endechas fossem dirigidas a el-rei, embora o sr. Storck não seja o unico a affirmal-o, nem me parece que signifiquem mais do que um capricho ou brinco

[1] «As estrophes seguintes são outros tantos testemunhos a favor da minha opinião».

poetico, segundo a indole das glosas e das voltas que são uma especie d'ellas.

«Se Anna de Macedo, escreve ainda o sr Storck, não sobreviveu ao nascimento de seu filho, a explicação mais natural das palavras «*foi minha ama uma fera*», que se offerece, é que o pae viuvo, Simão Vaz, escolheu para o orphão, sem mãe, uma ama, sendo infeliz na escolha, porque a palavra *fera*, com que o poeta designa aquella que o amamentou significa em sentido real um *animal bravo e indomito*, feroz e carniceiro, e em sentido figurado uma pessoa cruel.»

Para refutar esta parte basta ler de novo o trecho da canção que vae no principio; comtudo, para maior clareza do meu pensamento, exporei como entendo esse trecho:

Mal nasci, obrigaram-me ao seu influxo estrellas infelizes. Dotado pela natureza de livre vontade, não m'a concederam, porque, embora conhecesse, quando venturoso, muitas vezes o melhor, segui o peior, forçado por ellas: e, para que me dessem um tormento em harmonia com a minha edade, mandaram que, apenas abrisse os olhos á luz do dia, me ferisse o amor (um menino sem olhos). As lagrimas da infancia já então manavam com uma saudade namorada; o som dos meus gritos no berço já me soava como de suspiros; n'isto andavam de mãos dadas a edade e a minha sorte, pois quando me embalavam, se por acaso me cantavam tristes versos de amor, eu immediatamente adormecia; tanta era a minha conformidade com a tristeza.

Minha ama foi uma fera (o amor, aquelle tormento que a sua má estrella lhe poz logo junto do berço); não quiz o meu destino que o fosse uma mulher; nem para mim a haveria (isto é, para um ente tão desventurado como elle). Assim (tendo o amor por ama) fui criado, para que bebesse em criança o veneno amoroso, que, depois de homem, beberia sem que me matasse, por já estar a elle costumado.

E continúa o poeta:

Logo então vi a image e similhança
D'aquella humana fera tão formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi depois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha forma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal
Na vista d'ella: a sombra co'a viveza
Excedia o poder da natureza.

Resumindo em prosa o essencial, estes versos significam:

Logo então vi a imagem d'aquella formosa fera humana (humana, e não incorporea como a outra fera, o amor), tão suave e venenosa, que me deu tantas esperanças, e de que eu vi depois o original, d'essa mulher, que parecia da terra, mas scintilava espiritos divinos, etc.

(Continúa) *Ramos Coelho.*

SCENAS MARITIMAS

(AO BRILHANTE HISTORIADOR BULHÃO PATO)

I

No dia 27 de setembro de 1810, o brigue *Leal* singrava um pouco ao sul do cabo de Espichel.

Largara o *Leal* da ilha da Madeira, por onde fizera escala vindo do Brazil; e vinha segundo instrucções do almirante inglez, sob cujas ordens servia como alliado por ordem do principe regente D. João, para limpar a costa dos cruzadores francezes.

O brigue não era um navio de guerra nem precisamente um transporte, mas um corsario portuguez immensamente considerado nas côrtes de Windsor e Rio de Janeiro; commandava-o um joven official, bom portuguez, Jorge da Ribeira.

Em terra, designadamente no Rio de Janeiro, faziam-se diversos commentarios sobre a individualidade do capitão Jorge—n'elle tudo era mysterioso; duvidava-se até do nome que usava.

Alguem então muito do paço contava em tom confidencial, que, quando Jorge da Ribeira se apresentou ao principe regente, o monarcha animára a sua estactica phisionomia n'um espanto enorme, indo assim como a exclamar alguma phrase replecta de admiração, porém o *capitão Jorge*, a fim, talvez, de evitar alguma imprudencia, apressou-se a beijar-lhe a mão, e parece ter dito alguma cousa que socegou o principe, pois sua alteza real dirigindo-se seguidamente aos cortezãos dissera:

— Acabo, senhores, de conceder a este mancebo, Jorge... da Ribeira, um corso na nossa armada, conheço-o como valente marinheiro; senhor ministro e nosso secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar, nós, o principe regente do Reino Unido, recommendamos muito o capitão Jorge da Ribeira!

*
* *

Jorge da Ribeira não saira do palacio real e estivera toda a noite de 20 de agosto de 1810 em conferencia com o conde de Linhares, então ministro da marinha, que lhe ordenou fazer-se de véla no brigue *Leal* com a esquadra ingleza, sendo portanto a sua derrota para o golpho da Gascunha, com escala pela Madeira. Era isto o que por então se dizia.

Todos estes pormenores davam um tom especial no vulto do joven capitão tornando-o lendario. Sabia se que elle estivera bastantes annos prisioneiro do grande Napoleão, a quem chamava *o senhor de Buonaparte*, como o conde de Provença; conseguindo depois de alguns annos evadir-se para o Brazil.

Faziam-se commentarios.

Diziam uns que o *capitão Jorge* era o conde de Sabugal outros que era o marquez de Loulé; e lembrava-se todos os nomes fidalgos portuguezes que por aquelle tempo Napoleão I tinha no seu brilhante estado maior.

Emfim, no dia 21 de agosto o *Leal* largava da costa do Brazil para a ilha da Madeira, com as suas dezeseis peças de bronze que luziam em faiscas nas portinholas, e os seus noventa e quatro tripulantes atroavam os ares com os vivas a Portugal e ao capitão Jorge. E no dia 27 de setembro, como dissémos, encontramos o brigue *Leal* balouçando-se garbosamente sobre o azul ferrete do Oceano, destacando o costado negro de uma grande austeridade, sem um friso, um enfeite

O brigue seguia muito bem amantilhado, coberto de panno em bolina meio-cerrada,—e ás vezes mostrava, como um relampago ao sol quente do outomno, o cobre luzente da curva elegante do patilhão, d'onde resaltavam borbotões de espuma.

A viagem tinha corrido regular, bom tempo, vento fresco, o estado sanitario da tripulação era bello. De bordo já se differençava o cabo da Rocca manchando de negro em alguns pontos o azul que o envolvia.

Jorge passeiava no *salto* a ré. Estava de *quarto* o immediato José Maria, velho *lobo-marinho*.

— Então sr. José Maria, o vento ainda não dá para joanetes? Iamos tão bem... parece que o *diabo* quer *rondar* ao nordeste!

— Olhe! sôr commandante, se não se importa, arribo um boccado e verá como o *Leal* vae por ahi fóra que nem uma toninha.

— Pois arribe. Não está essa manobra contra as instrucções que tenho do Rio.

E accrescentou, olhando os cabos da Rocca e Espichel que lhe ficavam por entre a enxarcia do traquete:

— Sempre enganarei o espirito ao vêr branquear a *esteira*.

E o senhor immediato,—o velho José Maria, homem dos seus setenta annos, possuidor de essa robustez que só dá o mar, epiderme côr de tijolo, voz de trovão,—mandava a manobra conversando do *banco do quarto*, a ré, com a maruja; quer estivessem os tripulantes nos golopes que por entr-avante do mastro de traquete.

O vento saltou ao noroeste e mais abonançado. O immediato José Maria com o braço esquerdo passado por fóra do brandal grande, ia fumando no seu enorme cachimbo; o cabello côr de linho, mal seguro pelo bonet breado, esvoaçava lhe a barlavento.

— Chega p'r'ás obras de joanete! Grande e traquete! Tira volta ós extingues! Ála braços! —bradava o José Maria com a mão em concha junto á boca servindo-lhe como que de portavóz.

E acrescentava rapido:

— Olha esses briões rapaz, tira a volta! O' sôr contramestre, esses rapazes parece que 'stam com medo de subir?

— Sóbe, sóbe gente, dizia o contramestre José Cosme; olhem o *Calhote* como vae correndo pela enxarcia grande.

E, logo, voltando-se para o mastareu de velaxo:

— Mecha-se *menino* João. Que raio de rapazes!

Os rapazes corriam pelas enxarcias, curvando, encolhendo, esticando o corpo como cobras, por entre os cestos de gavea e pelos vaus de joanete,

Chegaram; o *Calhote* ao joanete grande e João ao de prôa, ao mesmo tempo. E gritaram em voz que a brisa levou por sotavento fóra:

— Está largo!

O velho immediato n'um sorriso aberto de franqueza tentava um olhar carinhoso que mais parecia leonino, em que abrangia a boa briza, o *seu Leal* e a *sua* bella rapaziada, como elle chamava ao navio e toda a equipagem.

— Caça! cacem meus filhos que vamos para Portugal! Toca os briões ó João Flôr. Volta a grande. Vae caçando lá na prôa, ó gente!... Volta! Folga um bocado os braços a barlavento .. assim, volta! Ronda cá a sotavento! Assim ... 'tá bom!

O vento ia alargando um pouco, o brigue aliviava se da pressão da bolina cerrada.

José tornava para o homem do leme.

— O' timoneiro! *atão* isto é um a dormir e todos a trabalhar! Ora orce mais, ande até tocar a *testa* do joanete de prôa!

Acabada a manobra que vimos de referir, o brigue *seguia* menos enxovalhado do mar. O capitão Jorge, a quem a gente do *Leal* chamava *o Tio* postara-se de encontro á amurada, muito embebido a deitar o oculo para barlavento.

O *Calhote*, um rapazito dos seus dezoito annos, trigueiro, baixo, olhar vivo, corpo secco, e muito agil, vinha descendo sobre as mãos por um brandal abaixo. O rapaz, quando chegou a altura do cesto de gavia deu com os olhos no *Tio*, suspendeu a carreira, e, saltando para um dos enfrexátes da enxarcia grande, olhou na direcção do oculo do commandante. . Nada viu; porém logo tirou pelo tempo decorrido de viagem que era o cabo da Rocca. Não esteve com mais delongas e gritou com toda a força dos seus pulmões.

— Terra!

Quando se ouve partir dos vaus de joanete o grito — Terra! — toda a equipagem recebe um choque electrico. Não ha coração que não palpite, olhar que não brilhe, labios que se não archeim n'um sorriso; é como que um toldo de felicidade a cobrir o navio. Esquecem-se os perigos da viagem, os dissabores de uma convivencia forçada. Terra! é como que um armisticio em todas as contendas. Vê-se em todos os rostos, defrontando-se jubilosos, expansivos, o assentimento a uma estima expontanea e mutua!

— Terra! sim, disse *O Tio*, mas parece-me que ainda lá não vamos tam depressa... Veja sr. immediato e mande desatracar a artilheria, emquanto eu vou vestir a farda e pôr a espada.

De bordo do brigue já se enxergava o cabo da Roca semilhando uma facha azulada-escura...

Ainda bem José Maria não tinha tomado o oculo que lhe entregára o commandante ao dirigir-se para a camara, e eis que a vigia da prôa lá dos vaus de joanete avisa:

— Navio a barlavento!

— E vem sobre nós; murmurou cá em baixo na tolda o velho immediato.

II

— Ás armas! mande tocar a postos, sr. immediato, ordenou Jorge da Ribeira que aparecia na tolda com a sua farda de primeiro tenente da armada.

Tocou-se a postos.

Com rapidez extraordinaria toda a tripulação do *Leal* appareceu nos seus respectivos logares, aprestada para o combate.

— Sr. commandante, a artilheria está ás portinholas, disse o José Maria, já de espingarda na mão e machada á cinta; prompto *p'ra festa*, como elle affirmava.

O navio que estava á vista aproximou-se, em boa marcha, e firmou a bandeira das aguias de Napoleão I com um tiro de peça. Era a corveta *Corsaire*.

No penol do *Leal* subiu velozmente pela adriça a nossa bandeira.

Ao soar o primeiro tiro do brigue tremulavam galhardamente as antigas quinas portuguezas em campo branco.

O silencio abordo era epenas quebrado pelo tenir da espada do commandante, passando em revista a tripulação que encontrou irreprehensivelmente armada de aspecto decidido.

Quando Jorge da Ribeira subiu ao *banço do quarto*, de espada em punho, onde o sol de setembro chispava relampagos, foi necesario um energico:

— Sentido! do José Maria para que a tripulação não corresse a victoriar o *Tio*.

O capitão Jorge da Ribeira apontando, ora para a adriça em que ondulava o estandarte nacional,

ora para a corveta do imperador dos francezes, dirigiu esta breve allocução á sua gente.

— Marinheiros! vamos estar em frente da morte, e por isso mais proximos de Deus. Aqui, todos somos eguaes; todos somos irmãos. O nosso fim resume-se em pouco — morrer ou tomar a *Corsaire*. É uma corveta de 24; e nós brigue de 16; ninguem o nega. Mas somos portuguezes e elles são francezes. Os nossos irmãos de terra batem-nos constantemente, já veem que não são invenciveis!

— Morte aos *franchinotes!* berrou toda a chusma.

— ... o que lhes peço, continuou o capitão Jorge, é obediencia cega ás minhas ordens, por mais extraordinarias que pareçam. E agora... ao combate! Viva Portugal! Viva o principe regente!

— Viva! Viva o capitão Jorge!

Toda a tripulação agitou no ar os piques, sabres e bayonetas, e o commandante saudou com a espada a bandeira portugueza.

. . . .

(Continúa.) *Mauuel Barradas.*

CONTOS MILITARES

OS OSSOS DO OFFICIO

Elle — o noivo — era um esbelto alferes de lanceiros, muito bem posto na sua farda flammante; e ella — a noiva — podia dizer-se uma das estancias mais correctas do poema da formosura.

Na volta da egreja, onde haviam ido jurar aos pés d'um sacerdote fidelidade, amor e união perpetua, encontraram as ruas da pequena aldeia atapetadas de verdura, e as moças do logar com os regaços cheios de flores mimosas, que lhes arremessaram respeitosamente quando elles passaram com os labios coloridos por um sorriso de ternura.

Na rectaguarda iam os paes da noiva, os padrinhos e os convidados, entre os quaes sobresahia pelo seu vistoso uniforme o capitão do destacamento, que se achava temporariamente na aldeia, até que o general da divisão o mandasse retirar.

*

* *

Passou o jantar: mimoso, abundante, e profuso em saudes, — um jantar sincero e fidalgo, sem *ménus* nem artificios.

O capitão fallou de campanhas, o pae da noiva de sementeiras, as senhoras de *toilletes*, e os noivos de tudo quanto é ternura e amor, no idioma fecundo dos olhares ardentes, que se cruzaram ininterruptos.

*

* *

Veiu a noite.

Depois do chá tudo se retirou.

O alferes, n'uma commoção gratissima, testemunhava o arquejar nervoso do coração da esposa, como que pretendendo quebrar as paredes do peito esculptural e alabastrino, que uma mole de finissimas rendas lhe guarnecia.

Entraram na alcova nupcial.

Ao centro o leito, onde alvejavam os finissimos cortinados, e a colcha de séda, aromatisada d'uns perfumes voluptuosos, inebriantes.

Ella, pudicamente ruborisada, e n'uma timidez casta, começava a desembaraçar os formosos e fartos cabellos pretos, das custosas joias que lh'os adornavam, quando o clarim do destacamento tocou a reunir!...

Era a ordem de marcha que chegava, e a força tinha de partir.

O alferes, altamente contrariado, amaldiçoou os clarins e os generaes, vestiu a farda, poz a espada, beijou a timida esposa, e, meia hora depois, trotava no seu fino russilho ao lado da soldadesca.

— Ossos do officio!... disse-lhe o capitão sorrindo matreiramente.

Lisboa, 1891.

Oliveira Mascarenhas.

REVISTA POLITICA

As ferias do Natal estenderam-se até á nossa modesta revista, com o que muito folgamos e os nossos leitoree tambem, porque lhe não poderiamos fornecer nenhuma novidade de sensação na segunda dezena de dezembro.

Agora sim, agora é que temos boas novas, como só as sabe dar o sr. Marianno de Carvalho, o estadista mais prodigioso d'estes tempos e sobre o qual convergem todas as attenções dos portuguezes, como aquelle de quem está dependente o dia de amanhã ser negro como pó de sapatos, ou azul como saphira.

O illustre ministro da fazenda não quiz encerrar a ultima sessão de 1891, sem fazer as mais cathegoricas declarações com respeito ás finanças publicas; essas declarações não podiam ser mais satisfatorios para todos os portuguezes, foram como que o arco iris precursor da bonança, depois de uma trovoada medonha, a nesga de ceu azul a rasgar-se por entre os espessos nimbos personoficados nos srs. Luciano de Castro, Thomaz Ribeiro e Mathias de Carvalho.

MARQUEZ DE PENAFIEL — FALLECIDO EM BERLIM NO DIA 30 DE DEZEMBRO DE 1891

(Segundo photographia)

A resposta do sr. Marianno de Carvalho aos tres citados oradores, desfez completamente todas as negras sombras do quadro das finanças publicas, por elles apresentado perante a camara dos pares.

O resumo do discurso do sr. ministro da fazenda é que as mesmas finanças estão no melhor caminho de se equilibrarem. Voltou a affirmar que antes das andorinhas chegarem estará restabelecida a circulação metalica; que a questão financeira é muito mais facil de resolver do que a questão economica, mas que em todo o caso espera que as novas pautas proteccionistas concorram efficazmente para o equilibrio economico da vida portugueza.

Já o leitor vê que não póde haver nada de mais agradavel que as declarações do sr. ministro da fazenda, e se accrescentar-mos a isto a noticia do deficit, até ao fim do anno economico, estar calculado apenas em oito mil e tantos contos, e de no anno seguinte não passar de quinhentos, devemos todos exclamar *Eureka*.

Ainda ha mais. Tudo isto se ha-de conseguir sem tocar nos vencimentos dos funccionarios do estado, sem augmentar impostos, remodelando apenas os que existem e fiscalisando melhor a sua arrecadação.

Estas declarações tiraram todo o interesse ao discurso da corôa que deve ser pronunciado no dia 2 de janeiro, porque de sorte elle nos poderá dizer cousas mais bonitas, mais esperançosas do que as palavras do sr. Marianno de Carvalho, em quem não podemos deixar de reconhecer um espirito verdadeiramente peninsular.

Poucos dias antes d'estas declarações ainda sua excellencia verberava os maus costumes d'este paiz, que deixara de ser um paiz de frades para ser um paiz de amanuenses, isto a proposito das taes finanças que então ainda não via pelo mesmo optimismo.

Então parecia estar com uma vontade de todos os diabos de revogar quantos decretos tinha assignado nomeando amanuenses, porque de resto aquelle desabafo era muito mais com sua excellencia do que com os pobres servidores do Estado, visto que esse exercito burocrata tem vindo engrossando as fileiras á medida que os varios governos se tem succedido no poder, governos em que o mesmo digno ministro tem tido o seu quinhão.

Ainda mais uma vez reconhecemos o espirito peninsular de sua excellencia.

Para não nos occuparmos sómente da questão financeira debatida na camara dos pares, deitemos uma vista d'olhos sobre a camara dos deputados e lá veremos o sr. José Julio Rodrigues a falar uma semana inteira sobre a instrucção publica, em uma interpellação que fez ao sr. ministro das obras publicas sobre as reformas decretadas por sua excellencia.

Uma semana, ou mais, se não nos enganamos, a discursar sobre a necessidade da instrucção, devem concordar que é um bocadinho puchado no anno de 1891, em que, emfim, nos parece não haver ninguem que desconheça aquella necessidade, pelo menos no seio do parlamento.

Foi brilhante o orador, brilhante na fluencia da palavra e na copia de erudicção, mas o que o digno orador não mostrou foi como se realisavam todas as suas justas aspirações sobre instrucção sem os meios pecuniarios para as satisfazer.

Occorrer, dentro do orçamento possivel, ás mais instantes e productivas necessidades da instrucção, eis o lado pratico e positivo do assumpto, fóra d'isto podem-se produzir eloquentes discursos, affirmar-se grande somma de conhecimentos, que tudo ficará no mesmo ponto, com tempo de menos e palavras de mais.

E foi afinal em que se consumiu o tempo na camara dos deputados, encerrando-se o parlamento no dia 29 para tornar a abrir solemnemente no dia 2 com o novo anno.

Para o novo anno, pois, dirijamos as nossas esperanças, para que elle nos dê mais obras e menos discursos, mais metal e menos papel.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43